



A CONSTITUIÇÃO DE UM IMAGINÁRIO BASEADO EM APAGAMENTOS NA CIDADE DE LORENA-SP

Eixo Temático 2 - Práticas de comunidades, grupos e indivíduos: processos de elaboração, identificação e preservação de referências culturais coletivas

Francine Cunha
Doutorando em História da Arte - Instituto de Artes /UNESP-SP. Professora Mestre em História da Arte, IFRJ, Brasil
fracine.lima@ifrj.edu.br

* A revisão do texto é de responsabilidade dos autores

RESUMO

O trabalho apresenta um estudo preliminar sobre a cidade de Lorena - São Paulo, localizada no Vale do Paraíba, tem como objetivo resgatar, por meio da observação da paisagem atual e em textos históricos, aspectos que dialogam com a arte e com a decolonialidade. Destaca como o auge da produção de café no Brasil deixou profundas marcas na paisagem e no imaginário sobre a cidade, demonstrando que alguns aspectos patrimoniais e de visibilidade turística reforçam a ideia do colonialismo em detrimento de outros enredos que envolvem a população lorenaense. Considera-se que em Lorena há uma persistência de apagamentos históricos e negação de movimentos periféricos que se desenvolvem à margem de uma história oficial, tudo isso devido à força das elites cafejeiras que se desenvolveram em um período específico. Em um primeiro momento é analisada a geografia da cidade buscando sua imagem antes dos "progressos" trazidos pela colonização e pelo império. Em seguida busca-se resgatar a história de seu povo originário: os Puri. Por fim são apresentados relatos de objetos materiais que poderiam ter sido preservados para continuidade da história deste povo. Os relatos trazidos são dos viajantes estrangeiros e de pessoas que atualmente se reconhecem como puri em sua origem. A metodologia aplicada para as análises realizadas é a arqueologia proposta por Foucault.

Palavras-Chaves: Lorena; Arte; História; Decolonialidade.

ABSTRACT

The work presents a preliminary study on the city of Lorena-SP, located in the Paraíba Valley, with the objective of recovering, through the observation of the current landscape and in historical texts, aspects that dialogue with art and with decoloniality. It deals with how the heyday of coffee production in Brazil left deep marks on the landscape and on the imagination of the city, demonstrating how some aspects of heritage and tourist visibility reinforce the idea of colonialism to the detriment of other plots involving the population of Lorraine. It is considered that in Lorena there is a persistence of historical erasures and denial of peripheral movements that develop on the margins of an official history, all of this due to the strength of the coffee elites that developed in a specific period. At first, the geography of Lorraine is analyzed, seeking its image before the progress brought about by colonization and the empire. Next, we seek to rescue the history of its original people: the Puri. Finally, reports of material objects that could have been preserved for the continuity of the history of this people are presented. The reports brought are from foreign travelers and people who currently recognize themselves as Puri in their origin. The methodology applied for the analyzes carried out is the archeology proposed by Foucault.

Keywords: Lorena; Art; History; Decoloniality.

1. DO HORIZONTE FÍSICO AO HORIZONTE HISTÓRICO

O trabalho arqueológico, enquanto situação concreta e complexa pede um processo simples: Escavar. Escavar exige minúcia, paciência e análise. Exige também braço, fôlego, disposição física e persistência. O que exige primeiro é, no entanto, a análise do terreno, do clima, da geografia. Este estudo começa assim, pela análise de um terreno.

Analisar um terreno é um estudo geográfico que neste trabalho será feito como uma proposta na qual o território sustenta a reflexão primeiro histórica e depois artística. A geografia de que se falará é a do Vale do Paraíba. Façamos esse primeiro reconhecimento a partir da descrição geográfica de um autor do próprio lugar:

Uma extensa depressão que se estende paralela ao litoral brasileiro, dele se afastando de 40 a 100 quilômetros. Apresenta como característica principal a presença marcante do rio Paraíba do Sul, ladeado ao norte pelas serras da Mantiqueira e, por outro lado, ao sul, pelo centro-sul brasileiro, a leste do estado de São Paulo. (TOLEDO, 2022. p.7)

Constituído de várias cidades e cruzando o limite entre os estados de São Paulo e Rio de Janeiro, o Vale do Paraíba é considerado um lugar com grande potência no Brasil à medida que faz o cruzamento de duas das mais ricas e importantes capitais do país. No Vale do Paraíba há um ponto específico que iremos abordar - a cidade de Lorena no estado de São Paulo. Localizada em um ponto estratégico - no meio (aproximadamente) entre as duas capitais. Assim descreve Saint-Hilaire, a geografia da cidade:

Até a Vila de Lorena, que fica situada a três léguas de Cachoeira, o terreno, à direita da estrada, é baixo e pantanoso e não oferece em geral, senão vegetação bastante escassa, semelhante à dos brejos da freguesia de Santo Antônio de Jacutinga. Veem-se igualmente árvores e arbustos pouco folheados de hastes finas e ramos pouco desenvolvidos. Não é esta a única relação existente entre esta região e os arredores do Rio de Janeiro.

A vegetação aqui é a mesma, nas menores minúcias. (...) O caminho enfim parece-se muito com aquele que se atravessa para se ir do mar às montanhas. A vista não é mais a dos campos, nada nele lembra a majestade das grandes matas virgens; mas é a um tempo extensa e risonha e as montanhas, que de todos os lados limitam o horizonte, dão variedade à paisagem. Atrás de nós tínhamos a Serra da Mantiqueira e à frente a da Quebra-Cangalha por nós divisada desde que deixáramos o Registro. Não passa de um contraforte da grande cadeia paralela ao mar. Assim, o terreno que percorrerei é uma grande bacia entre duas grandes cordilheiras. (SAINT-HILAIRE, 2011, p.73)

Antes da missiva feita sobre a cidade pelos viajantes europeus que por Lorena passaram, a localidade era chamada de *Guaypacaré*, ou também *Hepacaré*, palavras da língua Tupi. Ambas com significados diferentes, mas ambas com referências aos rios: Paraíba e Taboão. Sendo o termo “caré” relacionado a uma “visão torta”, ou seja, na passagem pelos rios, o lugar se localizava de forma torta, esquelha.

Entendendo o espaço privilegiado da cidade (no vale, com rio), Lorena converge com uma perspectiva geográfica cuja ideologia busca abundância em consonância com a terra, porém, diverge com a ideologia de dominação da natureza à medida que suas condições a levam a uma situação de um grande pântano, ou porque não dizer, brejo como disse Saint-Hilaire. O

terreno úmido não sustenta grandes árvores, apenas uma vegetação rasteira, e a segurança de construção de habitações fica comprometida num terreno em que a fundação tem tudo para ser movediça. Apesar disso, o fato de ser um ponto estratégico supera a situação natural.

Sabem bem os geógrafos que uma situação urbana excepcionalmente boa, como a de Lorena, pode tolerar um “sítio” urbano mau, sempre às voltas com problemas de ordem física, como pântanos, calores ou frios excessivos, falta de água potável, chuvas torrenciais e outros. Não foi o que aconteceu com Lorena. (EVANGELISTA, 1978, p.18)

Aos habitantes da cidade ainda hoje é possível reconhecer alguns problemas do solo. As casas têm que se adaptar de tempos em tempos às condições de umidade que se instauram, aterramentos são essenciais para se realizar qualquer construção e até pouco tempo não eram permitidos o levantamento de prédios muito altos. O próprio rio Paraíba foi redirecionado mantendo-o mais longe do núcleo central que foi fundante da cidade. Embora Lorena seja muito próxima às Serras da Mantiqueira e do Mar, estas não constituem território da própria cidade. As montanhas, no entanto, impõem-se o tempo todo, como observado por Saint-Hilaire. Quando se olha a paisagem com vistas no horizonte, são como grandes ondas azuis que parecem seguir em nossa direção, ao mesmo tempo tão distantes e tão próximas. Além da posição estratégica, da presença da Mantiqueira, do braço do Rio Paraíba, outro aspecto natural marcou a cidade: o conjunto de “Figueira-brava”.

Apesar do relato de que não haviam grandes árvores na região, a partir do momento que Lorena passa a ser um ponto de parada dos viajantes, foram plantadas algumas figueiras. Essas árvores grandes e grossas são uma fonte de sombra muito importante nas jornadas, a exemplo disso, disse D’Elboux:

Sob estas figueiras, em suas sombras, descansaram tropeiros e seus muars, brincavam crianças ao final da tarde, descansou o Príncipe fatigado da viagem desde o Rio de Janeiro e descansou o escritor Euclides da Cunha, que reconheceu nela as qualidades e o papel que o Largo Imperial - então Praça da República, com seus jardins desenhados - não podia cumprir, que é a função primordial de abrigo e refúgio. Sua sombra, ao acolher o viajante ou o transeunte, afasta destes o calor insuportável do mormaço vale-paraibano enquanto propicia o encontro entre aqueles populares que passam a sua volta (D’ELBOUX, 2004, p. 144)

É possível reconhecer nesse tipo de árvore algumas qualidades que a fazem uma personagem importante na história da cidade. É considerada de crescimento rápido (atinge 2 metros em 2 anos) e com uma propensão a ser frondosa, de tronco grosso e facilmente adaptável em planícies. Para a população do lugar as figueiras tornaram-se uma referência de localização. Hoje há apenas um exemplar a qual foi atribuída uma placa honrando sua presença histórica na cidade. No lugar de outra, encontra-se hoje um posto de abastecimento à beira da Dutra que também lhe faz referência sendo chamado de “Posto da Figueira”. Originalmente, no entanto, a cidade possuía 4 exemplares de Figueiras-brava. D’Elboux (2004) ressalta que o processo de “progresso” legado à cidade no tempo do império, levou a extinção dessas árvores que se faziam tão necessárias, bem como a descaracterização do local que passou a ser referenciado como “Terra das Palmeiras Imperiais”. Simbolicamente essa mudança paisagística configura de que forma o território quer retratar seus habitantes.

2. TOCANDO A SUPERFÍCIE

Mesmo que em um processo arqueológico se cave, não existe preocupação com o fim, pois o que interessa é o processo. A história também se “cava”, começando pela superfície, ou seja, pelo presente, sem se preocupar com a origem das coisas. Este método da Arqueologia do saber, proposto por Foucault, diz que é preciso analisar o que se “cristalizou”, ou seja, entender o que se tornou um discurso material. Essa etapa de análise parte do princípio que uma ideia repetida várias vezes se torna uma verdade. Neste sentido, vejamos alguns discursos que nos ajudam a entender o que a definem (discursos sem identificação em um primeiro momento):

A - Lorena é também conhecida como “terra das palmeiras imperiais” devido sua herança cultural ligada ao império. Está inclusive em nosso hino municipal. Nela os turistas podem ter valiosa experiência histórico cultural.

B - (...) A relação que se estabelece entre a burguesia do café e os espaços públicos da área urbana, onde essa mesma burguesia está estabelecida desde meados do séc. XIX correspondendo, atualmente, ao que poderíamos considerar como o centro histórico da cidade de Lorena. Do relacionamento dessa burguesia, surgida em função da cultura cafeeira com o núcleo inicial da cidade, várias ações transformadoras irão tomar corpo, notadamente no último quartel do século. Lorena desenvolveu-se extraordinariamente em meados do século XIX, no período da cafeicultura, quando atingiu uma das fases mais prósperas de sua economia, quando grandes produtores motivaram atividades comerciais no Porto de Lorena.

Mesmo após a decadência do café, o município destacou-se com a policultura, onde a cana-de-açúcar e o arroz tiveram lugar de destaque. Em 1884, foi inaugurado o Engenho Central de Lorena que mais tarde passou a pertencer à Societe de Sucrieries Brésiliennes.

C - Lorena teve grande contribuição à nobreza do Império, tendo várias personalidades da cidade agraciadas por tal luxo, fausto e lutas, como Conde de Moreira Lima, Barão da Bocaína, Viscondessa de Castro Lima e Barão de Santa Eulália.

D - Oh! Terra das Palmeiras Imperiais,
Velho berço de Condes e Barões,
Ninguém de ti se esquecerá jamais,
Ao reviver as tuas tradições!

Os discursos acima apresentados referem-se respectivamente a: trecho da introdução do projeto turístico da cidade de Lorena de 2018, trecho da introdução de um estudo acadêmico sobre a cidade; trecho retirado do site da prefeitura tratando da história da cidade, e o refrão do hino da cidade. Far-se-á uma análise mais aprofundada de cada um destes trechos (discursos).

A - PLANO TURÍSTICO DE LORENA

O Plano realizado em 2018 traz diferentes aspectos de Lorena que podem ser explorados, entre eles se destacam o turismo histórico, o turismo religioso e o turismo de entretenimento. Foi realizada pela equipe que desenvolveu o plano uma pesquisa³¹ para saber os pontos mais

³¹ A pesquisa de demanda foi realizada pelo COMTUR de Lorena, especialmente, com a colaboração de duas instituições de ensino superior, UNISAL e UNIFATEA, no segundo semestre de 2017, com turistas que visitaram a cidade de Lorena no período de 12 de setembro de 2017 até 01 de dezembro de 2017. Os turistas que se

relevantes a serem visitados na cidade segundo os próprios turistas, os mesmos foram posteriormente classificados, ficando assim a classificação (figura 1).

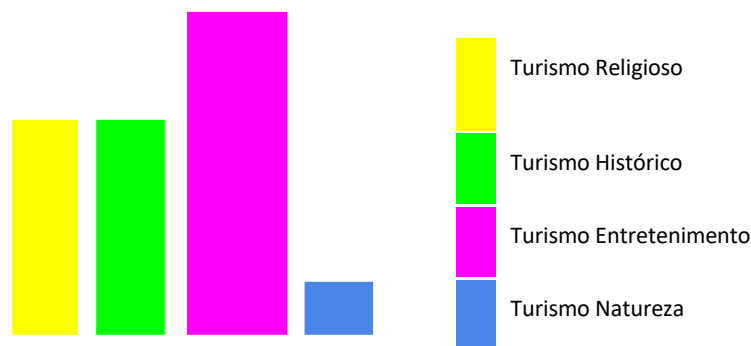
Figura 1: Tabela com a classificação dos pontos turísticos de maior interesse dos visitantes.

Colocação	Local	Total
1º	Santuário Dom Bosco	23
2º	Exército 5º BIL	22
3º	Mercado Municipal	22
4º	Santuário Basílica São Benedito	22
5º	Catedral Nossa Senhora da Piedade	22
6º	Igreja Nossa Senhora do Rosário	21
7º	Solar Conde Moreira Lima - Casa da Cultura	21
8º	Festa das Nações	21
9º	Festa de São Benedito	21
10º	Encontro de Motos e Carros Antigos	21
11º	Praça Principal	20
12º	Festa da Padroeira	20
13º	Lorena FoodTruck Festival	20
14º	Festa Julina	20
15º	Comunidade Bethânia	19
16º	Noite das Vozes	19
17º	Floresta Nacional	18
18º	Carnaval	18
19º	Corpus Christi	18
20º	Lorenvale	18
21º	Passeio Ciclístico pela Vida	18
22º	Arena Show	18
23º	Aniversário de Lorena	18
24º	Natal de Luzes	18
25º	Canção Nova	17
26º	Palacete Veneziano	17
27º	Parque Ecológico do Taboão	16
28º	Estação Ferroviária	15
29º	Solar Azevedo	11
30º	Parque Águas do Barão	8

Fonte: Plano Municipal de Turismo de Lorena - 2018. Disponível em <http://www.lorena.sp.gov.br/wordpress/wp-content/uploads/2020/03/Plano-Municipal-de-Turismo.pdf>. Acesso em 03/03/2023

Dividindo os pontos turísticos em 4 tipos (religioso, histórico, entretenimento e Natureza) pode se obter os seguinte resultado (Figura 2):

Figura 2: Gráfico indicado o perfil de atrativos turísticos de Lorena segundo Plano de 2018



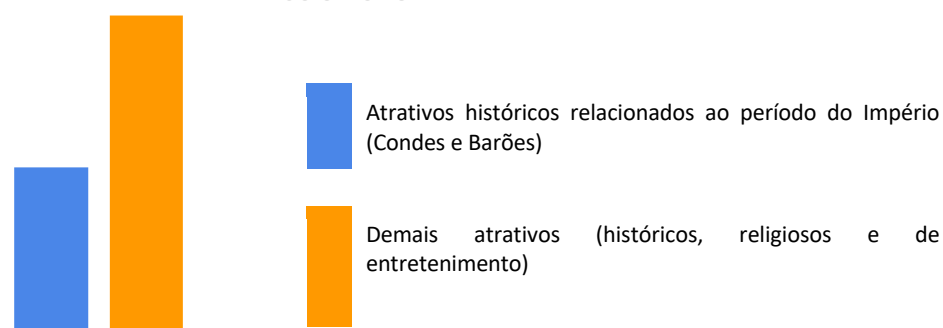
Fonte: Análise da autora

dispuseram a 123 responder a pesquisa receberam um questionário com 15 perguntas para completar de acordo com sua análise pessoal do município.

Embora o resultado mostre uma quantidade maior de atrativos turísticos de entretenimento, cabe ressaltar que essas atividades que envolvem eventos, corridas, cultura e gastronomia diminuíram nos últimos anos, primeiro devido à pandemia e segundo por se tratar de projetos abandonados ou substituídos pela nova gestão municipal, o que nos provoca a pensar sobre sua real existência ou tradição. O turismo de natureza está relacionado a apenas dois espaços: a Floresta Nacional de Lorena e o Parque ecológico do Taboão e por essa razão acaba sendo também de pouca relevância. Restam os atrativos históricos e religiosos que se mostram empareados enquanto espaços/eventos relevantes para a cidade. Neste caso, cabe então uma segunda análise entre os dois.

Muitos atrativos religiosos também são ligados à história da cidade, como o Santuário de São Benedito, a Catedral de Nossa Senhora da Piedade e a igreja do Rosário, e suas construções ou festas ligadas aos respectivos atrativos também se relacionam com a história do baronato em Lorena. É possível observar que de todos os atrativos, ao menos $\frac{1}{3}$ está relacionado ao período do império e às biografias de condes e barões, conforme mostra o gráfico (figura 3):

Figura 3: Gráfico com diferença entre atrativos turísticos que envolvem o Baronato Lorenense e os que não envolvem.



Fonte: Análise da autora.

Deste modo é possível perceber que o turismo em Lorena reforça uma característica eurocentrada dando continuidade a um imaginário no qual a cidade não se constituiria sem essas intervenções. Esses espaços constituídos em patrimônios históricos dificilmente cederão seu lugar de protagonistas em Lorena se não houver contrapontos de grupos que reivindiquem uma outra visão sobre o patrimônio da cidade.

B - ESTUDO ACADÊMICO SOBRE LORENA

O segundo trecho destacado como discurso a ser analisado se refere a uma dissertação apresentada à Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo em 2004 intitulada “Manifestações Neoclássicas no Vale do Paraíba: Lorena e as Palmeiras Imperiais” realizada e já publicada por Roseli Maria Martins D’Elboux. Em resumo, a dissertação trata da mudança da paisagem urbana e que determina o perfil da cidade após o período do império, citando principalmente o plano paisagístico que substitui as figueiras bravas por palmeiras imperiais.

É possível perceber diante do exposto no texto, que Lorena foi sofrendo mudanças que partiram da vida privada da elite e se estenderam pela cidade. Esse plano paisagístico atendia muito mais a perspectivas ideológicas do que propriamente necessidades do município.

C - APRESENTAÇÃO DA CIDADE EM SEU SITE OFICIAL

O Contexto do terceiro trecho citado se refere à uma parte do texto que apresenta a cidade aos interessados nela e pode ser acessado em seu site oficial. O texto também cita outros aspectos como seu início atribuído à chegada dos bandeirantes, o perfil militar e as condições atuais que implicam o desenvolvimento e a qualidade de vida dos cidadãos. Cabe ressaltar o destaque que é dado ao período que expõe como a cidade emergiu “extraordinariamente” e a citação dos nomes de personalidades presentes à época. Esses nomes são facilmente reconhecidos na cidade em ruas, escolas, literatura, etc. Lembrar os nomes das pessoas é uma clara referência a apagamentos que são promovidos em detrimento de outras personalidades que não têm os seus nomes citados.

D - HINO DE LORENA

O último trecho é o refrão do hino da cidade cuja letra foi feita por Francisco Ferreira Leite. Fala por si só da exaltação ao baronato e às “tradições” que evocam também o perfil conservador que se instaurou na cidade

3. ENCONTRANDO RASTROS

Uma vez que tanto é citado o período do império em Lorena é preciso identificar as razões da materialização desse discurso e conhecer um pouco da história que envolve a elite da cidade. Far-se-á isso em resumo, pois não é a finalidade aqui dar continuidade a essas narrativas que já se cristalizaram, e sim, observar pontos de conflito e desnaturalização de uma história que persiste em apagamentos.

A figura a quem se dará um destaque e que representa a elite lorenense é o Conde de Moreira Lima, pois este foi tido como um grande benfeitor. Nascido em uma família que já dispunha de recursos financeiros abastados devido ao investimento no café e em outras lavouras, o Conde de Moreira Lima usufruiu destes recursos que também se deram devido ao processo de escravização. Segundo Marquese (2021), o café na América começou a ter uma produção escravista em Saint-Domingues (onde se localizam os países da República Dominicana e o Haiti) no século XVIII e só depois começou a ser produzido no Vale do Paraíba. Contudo, é no Vale em que os escravizados sofrerão uma exploração muito maior. Enquanto em Saint Domingues se exploravam 158.000 escravos para produção de 32.000 toneladas de café, no Vale do Paraíba, 150.000 escravos eram explorados para produção de 150.000 toneladas de café, ou seja, quase o mesmo número de escravos deveriam produzir muito (muito) mais café. Essa era a fórmula para gerar riqueza: menos escravos e mais café.

Segundo Melo, o pai do Conde de Moreira Lima (Joaquim José Moreira Lima, um português) “Viveu o auge da grande lavoura escravista no município de Lorena, no terceiro quartel do século XIX. Nesse período, **acumulou** (grifo nosso) sua grande fortuna” (MELO, 2012, p.185).

Além do café, o Conde e seu pai ganharam grandes somas de dinheiro também em negócios de crédito aos fazendeiros de café, conforme diz Mota Sobrinho (1967): “O velho capitalista estimulava os sitiantes trabalhadores e honrados a se converterem em fazendeiros. (...) Suas propriedades agrícolas foram crescendo pela aquisição e por execução de dívida, tendo somado mais de três dezenas delas”. (MOTA SOBRINHO, 1928, p.92)

O Conde chegou a fazer muitas obras na cidade como igrejas, santa casa e casas de caridade. Não deixou herdeiros e grande parte de sua fortuna ficou para o desenvolvimento de Lorena. Outros Barões que passaram pela cidade faziam parte da mesma família que o Conde de Moreira Lima, inclusive era comum casamentos entre parentes, o que garantia a permanência da fortuna na família.

Enquanto a história do conde e seus familiares é sempre tocada para se falar da construção de Lorena, outros atores desta construção permanecem observados de forma secundária, performando uma cena em que o braço do trabalho físico e árduo não importe, os habitantes originários da região não são reconhecidos em marcas que podem ter deixado e outros diálogos periféricos não tenham se realizado à revelia da elite, por isso pretende-se neste estudo dar mais atenção a outros envolvidos na construção deste território, como: os puri, os mineiros (caipiras) e até mesmo os escravizados. Daremos aqui visibilidade aos primeiros. É intenção que a pesquisa continue posteriormente em desdobramentos, reconhecendo outros atores.

Em diversos relatos encontra-se como moradores da região, na época da chegada dos portugueses, os Puri. Sobre eles há descrições, relatos e registros, por exemplo, de Von Spix, Padre Francisco das Chagas Lima, de Debret e Rugendas. Das descrições é possível ter conhecimento dos aspectos físicos e percepções de práticas, porém, todos esses relatos vêm carregados de uma visão eurocentrada cujo preconceito não permite enxergar de fato a cultura em si. Estudos mais recentes permitem que se reconheça algumas práticas de origem Puri e resgate-se algumas palavras de sua língua e seu modo de vida.

Trata-se aqui de uma análise de alguns aspectos dos Puri, dos quais o que mais interessa é a cultura. A cultura é um conceito vasto, mas esta pesquisa perspectiva o encontro de apenas dois pontos que são atravessados pela cultura: a arte e a decolonialidade. A ideia de decolonialidade que se apresenta neste trabalho parte dos seguintes princípios: a busca pela paisagem ainda sem interferência europeia; apagamentos que foram sendo feitos historicamente em defesa de uma ideologia capitalista e que privilegia as elites; a valorização de práticas contra-coloniais. Sendo assim, como método dentro de uma perspectiva arqueológica (do saber), busca-se uma não hierarquização dos discursos, entendendo que não é o conteúdo que define os enunciados, mas sim, a forma. A forma no discurso, segundo Foucault, se dá por: quem fala, de onde fala, por que fala e para quem fala.

Analisaremos aqui discursos de diferentes fontes na busca por fatos, entendendo que o “fato” constitui-se em uma “verdade” construída por um conjunto de acontecimentos. Será ainda mais justo dizer que a busca aqui é por “artefatos”, podendo ser empregado de melhor forma linguística como arte(fatos), pois a busca não é por objetos materiais concretos, mas por textos que se materializam em registros de materiais artísticos e cuja existência pode ser considerada um fato à medida que aparecem repetidamente em diferentes relatos.

Cabe ainda, antes de dar continuidade à “escavação” dizer que o entendimento de arte aqui é amplo, considerando o aspecto da “artificalização”. O termo se refere à atribuição de categoria de arte a objetos que não são considerados arte (SHAPIRO, 2007). Neste sentido, aqui serão considerados arte(fatos) aqueles objetos aos quais podemos considerar arte a partir dos seguintes critérios: estudos de procedimentos de manufatura, processo de trabalho que inclua a criação, objetos estéticos apesar de serem também utilitários e objetos que dialogam diretamente com uma cultura específica.

A primeira análise se dá observando registros estrangeiros dos Puri, os quais alguns serão apresentados aqui.

Nessas choças encontravam-se os poucos utensílios dos Puris: a rede onde dormiam, as tigelas feitas com frutos da crescentia cujete, ou pequenas cabaças (...) bambus para as flechas e pontas de flechas, algumas penas e provisões (...) Cestos grandes feitos de folhas verdes de palmeira entrelaçadas; em baixo, na parte que se aplica às costas, têm um fundo de esteira e, dos lados, uma borda alta do mesmo gênero, sendo geralmente abertos em cima. Carregam-nos (...) aplicando-os às costas por meio de uma faixa passando pela testa, e algumas vezes por meio de uma tira passando pelos ombros. (REIS, 1979, p. 84)

É possível perceber a partir do relato o uso da vegetação para confeccionar objetos com valor utilitário, como o cesto, o abrigo, vasilhas e as armas. Já sobre a possibilidade de algum arte(fato) cerâmico pelos Puri, Francisco Donizette morador da cidade de Resende e pesquisador independente da história dos Puri, o único indício de alguma confecção cerâmica realizada por este povo foi a munição de bodoqueira, uma espécie de estilingue em forma de flecha. A munição era feita com bolinhas de argila queimadas em fogueira³². Já o autodeclarado descendente dos Puri, Jecy do Carmo, revela:

A argila era de um lugar de onde a gente morava. Um pouco longe. Todo mundo da casa era envolvido naquele trabalho. A mãe coava a argila. Deixava descansar a argila. E depois, ia amassando como uma massa de pão nas gamelas. Até ficar na espessura de pote. A gamela era minha vó quem fazia. E colocava a argila na gamela e ia subindo com ela, formando os potes. Eu e meus irmãos políamos os potes com umas pedrinhas. Os potes também vendiam. Eram potes de vários formatos, para botar água, panelas para fazer comida. (Jecy do Carmo, relato feito em PACHAMAMA, 2018, p. 143)

Diferentemente de objetos de cerâmica, os cestos aparecem com frequência nos relatos. Alguns com as mesmas características serão vistos mais adiante historicamente, sendo usados pelos designados tropeiros.

Jacás e balaios podem parecer sinônimos, mas os fabricantes advertem: “o balaio é para o trabalho do homem, o jacá, para o trabalho do burro”. Os jacás são feitos de taquara, tradicionalmente colhida nos “meses sem erre” - maio, junho, julho e agosto. Nos demais meses, garante o pessoal das tropas, colheita, só na lua minguante, “do contrário dá caruncho”.

As técnicas de fabricação e o formato do jacá costumavam variar segundo a finalidade prevista. Os jacás de munição, onde eram levados os mantimentos para a viagem, eram compridos, da largura de um caldeirão, e tinham tampa inteira. Em geral, feitos de tiras de taquara cruzadas duas a duas, dispunham de tiras de couro cru torcido, para serem alceados nos dois cabeçotes da

³² Relato realizado durante a palestra do mesmo na VI Semana Acadêmica do IFRJ em Resende, 2022.

cangalha da mula. Por sua vez, os jacás de galinha, destinados a receber essas aves, eram estreitos e longos. E os pequenos samburás, nos quais se transportavam iscas e material de pesca, eram geralmente feitos de tiras finas, simples e trançadas de taquara, o que tornava mais fechada a trama. (AMARAL NETTO, 2005, p.28)

O tropeirismo é uma cultura que se espalhou pela região da Serra da Mantiqueira, englobando o sul fluminense, o vale do Paraíba paulista e o sul de Minas Gerais. Coincidentemente é possível encontrar relatos de ocupação Puri também nas mesmas regiões. Outras coincidências levam a refletir sobre a relação dos Puri com a cultura tropeira, são primeiro, o apagamento da referência aos indígenas e o surgimento da cultura “caipira” que muito se alinha com os tropeiros em modo de vida, linguagem, práticas; e segundo, o uso dos cestos para transporte de carga (pelos Puri pelas costas, como mochilas, pelos tropeiros, nas mulas). Segundo Monteiro (2013) antes dos tropeiros o transporte de cargas era feito usando a força de trabalho de escravizados indígenas e africanos, porém, com o tempo e o desenvolvimento do mercado na colônia brasileira, essa forma de logística passou a ser ineficiente. Passou-se a fazer o transporte com mulas conduzidas em “tropa” pelos “tropeiros”. Enquanto isso, no caminho pelo qual passavam os tropeiros foram se desenvolvendo lugares de pouso e assim também uma nova forma de vida que era destinada a abastecer as tropas. De acordo com Monteiro:

Foram muitas as heranças desse movimento tropeiro para a cultura regional. Tanto a cultural material, quanto a simbólica, permitiu que se unissem diferentes frações de um território que antes se encontrava fragmentado e desconexo. Assim, a cultura tropeira, como veremos, funcionou como um amálgama dessas regiões, permitindo que espaços muitas vezes distantes, pudessem compartilhar de usos e costumes semelhantes, de formas de falar e de se manifestar que se tornaram próximas e, inclusive, formas de manifestações artísticas e religiosas que passaram a ser compartilhadas também. No caso paulista, os traços da cultura caipira estão presentes no tropeirismo. (MONTEIRO, 2013, p.40)

Esses pontos de parada configuraram o que ficaria conhecido como cultura caipira, sendo uma forma de vida que se desenvolveu em um espaço rural. Conforme declarado por Monteiro, a troca por conhecimentos, costumes, simbologia e arte era compartilhada entre os tropeiros e os caipiras no interior de São Paulo. É possível perceber na literatura que à medida que o termo “índio” desaparece, outras terminologias são aplicadas aos povos, que assumem uma forma de vida, que ao mesmo tempo aculturadas, permanecem em seu círculo íntimo ou familiar a manter algumas tradições que remontam o conhecimento sobre a terra, a saúde e manufatura que se aproximam dos indígenas - “caipira” é um desses termos.

Aos Puri foi atribuída a característica de serem nômades, mas essa afirmação pode ser contestada se for entendida que essa foi uma condição imposta pela colonização, pois circulando pela mata seriam mais dificilmente capturados. Outra característica é a de que seriam mansos, que costumavam ser pacíficos e preferiam manter-se afastados. Segundo Aline Pachamama, uma pesquisadora de ancestralidade Puri:

A história da nossa etnia é uma história em construção. Estamos ouvindo as anciãs de nossas famílias e nos reconhecendo, percorrendo os caminhos de nossas e nossos ancestrais. Trilhas e caminhos marcam a trajetória do povo Puri, que, em parte, se desloca pelas terras de Minas Gerais, principalmente,

via Serra da Mantiqueira, abrigando-se em suas grutas, cavernas. (PACHAMAMA, 2020, p.42)

A história de apagamento dos Puri não difere das mesmas práticas ainda hoje realizadas prevendo o extermínio de povos indígenas e infelizmente também de seus conhecimentos e cultura. A prática de aculturação, assassinato e de exclusão que leva a fome e a doença foram algumas causas que levaram a tentativa de apagamento dos Puri. Uma das doenças que acometeu a muitos foi a varíola. Há o registro de ações extremamente violentas direcionadas aos Puri de Guaypacaré, região que foi chamada de Vila da Piedade (Lorena) como: a libertação de criminosos para servirem de soldados na captura de indígenas na Mantiqueira, a imposição de casamento às mulheres indígenas e seus estupradores (a fim deles “assumirem a consequência de seu erro”) e as formas de chantagem frente aos indígenas mais velhos para convencerem os mais novos a se sujeitar a aculturação (REIS, 1979, p.96-97).

Apesar das tentativas que se fizeram na direção de apagar a cultura dos Puri, aos poucos ela está sendo resgatada.

Foi preciso algo para que as mulheres se reconhecessem. Porque foram povo calado, forçosamente calado. Mulheres “podadas” porque quem sofre não gosta de falar do sofrimento. Então era como se fosse um assunto proibido (...) porque muitas pessoas se sentiam envergonhadas (...). Agora é um assunto mais em voga, a questão de valorizar a ancestralidade, mas antigamente não era agradável ser chamado de índio. - Diálogo com Francisco Donizete. Registrado por Aline Rochedo Pachamama, em 27 de janeiro de 2020 (PACHAMAMA, 2020, p. 92).

No quesito arte, conforme foi dito aqui, os objetos de cerâmica e a cestaria seriam algumas manifestações que merecem atenção constituindo-se em arte(fatos) dos Puri. Conforme foi dito anteriormente, esses objetos podem ser contemplados e explorados como arte a partir de critérios estéticos, manuais e criativos. A descrição e observação das formas de confecção demonstram processos que na busca de uma solução para uma questão do cotidiano, conservam-se habilidades técnicas e ao mesmo tempo exploram materiais em diferentes perspectivas de criação. São, portanto, um caso de artificação. A não identificação desses objetos como arte demonstram a potência das referências coloniais em nossas culturas, deixando passar despercebidos objetos que tem profunda conexão expressiva com um grupo social ou étnico e dessa forma, retirando da arte o contexto da expressão de um povo. De acordo com Lima:

A arte indígena exposta em museus de arte moderna e contemporânea está normalmente restrita a determinadas técnicas e suportes, sem contemplar o que é considerado “artesanato” (...)

Somado às questões de distinção entre arte e artesanato, isso explica, em parte, o fato de museus de arte brasileiros historicamente não terem investido em coleções de arte indígena. (LIMA apud MELO FILHO, 2020, p.78)

Por fim, pode-se perceber nos aspectos apresentados que é necessária uma reflexão sobre a força ideológica que ainda paira de forma velada nos espaços das cidades como Lorena. Essa reflexão pede também uma revisão das estratégias que, como o turismo, o tombamento e a salvaguarda de bens, permanecerão dando reforço às histórias em perspectivas coloniais ou, interromperão esse ciclo buscando resgatar outras narrativas, espaços e objetos de valor histórico. A forma de contar os acontecimentos deste território determina os “mitos”, enquanto narrativas originárias, sobre o povo lorenense.

REFERÊNCIAS

D'ELBOUX, Roseli Maria Martins. **Manifestações Neoclássicas no Vale do Paraíba: Lorena e as palmeiras imperiais**. Dissertação (Mestrado em História e Fundamentos da Arquitetura e do Urbanismo). Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, São Paulo, 190p, 2004.

EVANGELISTA, José Geraldo. **Lorena no século XIX**. São Paulo: Governo do Estado, 1978.

História do Município de Lorena. Site oficial da Prefeitura de Lorena. Disponível: <http://www.lorena.sp.gov.br/>. Acesso em 03/03/2023.

LIMA, Juliana Domingos de. **As exposições de arte indígena por vir. E seu espaço hoje**. In: Práticas de Linguagens: múltiplas vozes/Celso de Melo et all. São Paulo: Saraiva Educação, 2020.

MARQUESE, Rafael. **Segunda Escravidão: Memória e História no Vale do Paraíba Fluminense**. Youtube, 15 set. 2021. Disponível em https://www.youtube.com/watch?v=y7o9ZQ_PwdE&t=1777s. Acesso em 03 mar.2023.

MELO, José Evando Vieira de. **O açúcar no Vale do Café: Engenho Central de Lorena (1881-1901)**. São Paulo: Alameda, 2012.

MONTEIRO, Rodrigo Rocha. **Territorialidade e Memória Tropeira em São Paulo: o caminho paulista das tropas**. Tese (Doutorado em Geografia). Instituto de Geociências e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Rio Claro, 240p., 2013.

MOTA SOBRINHO, Alves. **A civilização do café**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1928.

PACHAMAMA, Aline Rochedo. **Boacé Uchô: a História está na terra: narrativas e memórias do povo Puri da Serra da Mantiqueira**. Rio de Janeiro: Pachamama, 2020.

PACHAMAMA, Aline Rochedo. **Guerreiras: M'baïma miliguapy: mulheres indígenas na cidade. Mulheres indígenas na aldeia**. Rio de Janeiro: Pachamama, 2018.

Plano Municipal de Turismo. Lorena, 2018. LORENA, Prefeitura Municipal de.

REIS, Paulo Pereira dos. **O indígena do Vale do Paraíba: apontamentos históricos para o estudo dos indígenas do vale do Paraíba paulista e regiões circunvizinhas**. São Paulo: Governo do Estado, 1979.

SAINT-HILAIRE, Auguste de. **Segunda Viagem do Rio de Janeiro a Minas Gerais e a São Paulo, 1822**. Trad. Vivaldi Moreira. Belo Horizonte: Editora Itatiaia, 2011.

SHAPIRO, Roberta. **Que é artificação?**. In: Sociedade e Estado, Brasília, v. 22, n. 1, p. 135-151, jan./abr. 2007

TOLEDO, Francisco Soderro (org.). **1822: Café e a Jornada da Independência**. Jundiaí-SP: Paco Editorial, 2022.

Catálogo na Publicação
Biblioteca do Instituto de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo

C749 Congresso Patrimônio Cultural: identidades e imaginário (2023 : São Carlos, SP)
Anais do Congresso Patrimônio Cultural: identidades e imaginário, 08 a 10 de maio de 2023 / editores: Paulo César Castral... [et al.]. – São Carlos-SP: IAU/USP, 2023.
463 p

ISBN: 978-65-86810-65-3

1. Arquitetura. 2. Patrimônio cultural. 3. Patrimônio arquitetônico. 4. Urbanismo. 5. Pesquisa. I. Castral, Paulo César, ed. II. Título.

CDD 720.63
